



Supplementary Notebook (RTEP - Brazilian academic journal, ISSN 2316-1493)

BOULOS ON TWITTER: POLÍTICA, DISCURSO, ARGUMENTAÇÃO

BOULOS ON TWITTER: POLITICS, DISCOURSE, ARGUMENTATION

Anadja Jeane Da Silva¹
 Jayne Carla Bezerra da Silva²
 Jessica Rayane Marinho Felix³
 José Inácio Júnior⁴
 Edgley Freire Tavares⁵

¹discente da UERN, Brasil, anadjajeane@alu.uern.br.

²discente da UERN, Brasil, jaynibezerra@gmail.com.

³discente da UERN, Brasil, jessicafelix@alu.uern.br.

⁴discente da UERN, Brasil, inaciojunior@alu.uern.br.

⁵docente da UERN, Brasil, edgleyfreire@uern.br.

Resumo: Este trabalho insere-se no debate em torno da centralidade da linguagem das redes sociais na arena discursiva e democrática do Brasil. Propomos aqui um breve percurso analítico partindo das relações entre discurso e argumentação, delimitando como objeto analítico materialidades discursivas do *Twitter*, com objetivo de descrever a dimensão retórica do *pathos* em intervenções públicas recentes de Guilherme Boulos por meio desta mídia cada vez mais em evidência no funcionamento do discurso político. Como conclusão, apontamos que a articulação discursiva argumentativa promovida por Boulos durante a campanha de 2020 constituiu-se centralmente na dimensão do *pathos*, tendo em vista o modo como o político paulista articula valores, temas, aspectos, raciocínios e emoções relacionados à maioria da população, projetando uma racionalidade política cujo efeito de sentido é persuadir o eleitor para se engajar numa nova experiência política e governamental.

Palavras-chave: twitter, política, discurso, argumentação, Boulos.

Abstract: This paper engages with the centrality of the language used in social media against the backdrop of the Brazilian political scenario. With an emphasis on the material-discursive practices found on social media, we set out to trace a brief analytical outline of the relations between discourse and argumentation, in an effort to describe the mode of persuasion known as pathos seen in recent public interventions by Guilherme Boulos on Twitter, an increasingly significant platform for political discourse. We concluded that Boulos' argumentative discourse during the 2020 mayoral race consisted centrally of deploying pathos. Considering his articulation of values, themes, aspects, rationales and emotions related to the majority of the population, we argue that Boulos endeavored to project a political rationality whose intended effect is to persuade voters towards engaging with a novel political and governmental experience.

Keywords: Twitter, politics, discourse, argumentation, Boulos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste trabalho é, levando em consideração o atual contexto sócio-político brasileiro, refletir o *pathos* (PERELMAN, 1992; FIORIN, 2015) ou a instância daquilo que causa persuasão no outro, as paixões, emoções e inclinações, em mensagens recentes no Twitter de autoria de Guilherme Boulos (ex-prefeiturável de SP em 2020 e ex-presidenciável em 2018). Com isso, buscamos compreender alguns direcionamentos no que concerne à atualidade da política no Brasil. Isto se correlaciona a outro objetivo, paralelo, deste estudo, qual seja, compreender a relação entre discurso e argumentação para a constituição, formulação e circulação (ORLANDI, 2008) da discursividade política no Brasil atual, marcada pela crise partidária (ABRANCHES, 2019; DUNKER, 2019) e pelos discursos de ódio, pela negação à diferença, pelo descrédito em relação às instituições e aos governantes, e por uma nítida ascensão da extrema direita, contexto no qual a condição de exercício da experiência democrática está cada vez mais inviável.

Sabemos a centralidade das redes sociais na formulação e circulação do jogo discursivo político atual. As postagens em internet, dada sua dinâmica sintética e fluidez na circulação, possibilita um afrouxamento do controle sobre a liberdade de expressão de posicionamentos políticos. A ordem do discurso político encontra hoje novas formas de dispersão dos saberes e dos poderes que a regem, torna possível em nível sem precedentes, a pluralidade de visões e de posições em um mesmo acontecimento, a exemplo do que se pode verificar em postagens em redes como o *Instagram*, o *Youtube*, o *WhatsApp* e o *Twitter*, esta última, empiria aqui trabalhada.

Abrimos um parêntese para situar este estudo como um dos resultados do desenvolvimento da nossa pesquisa institucional, desenvolvida no âmbito do curso de Letras da UERN, sob o título: *Discurso e Democracia: uma análise de discursos no atual cenário político brasileiro*¹, haja vista o intento do projeto em pesquisar e descrever os discursos políticos, atualmente, a partir dos documentos dos partidos brasileiros, e nisto, problematizar a sociedade brasileira e seus impasses, compreendendo a experiência política nos limites de uma democracia. O nosso ponto de vista e de partida, o referencial teórico-metodológico a partir do qual outros giram, é a análise foucaultiana dos discursos (FOUCAULT, 2007, 2009, 2010), articulada, pois, à correlações com autores do campo da linguagem e de outras áreas das ciências sociais e humanas, reunidos aqui para possibilitar o debate em torno da relação entre discurso político e argumentação, circunscrevendo como recorte de análise a enunciação do político Guilherme Boulos, especificamente, suas postagens no *Twitter*.

Dito isto, inevitável situarmos o que entendemos por política. Com esta finalidade e, para concluirmos a apresentação sumária das bases teóricas e metodológicas da nossa prática analítica, o que representa também as condições de possibilidade deste estudo, reproduzimos algumas palavras de Michel Foucault,

O que é a política, finalmente, senão ao mesmo tempo o jogo dessas diferentes artes de governar com seus diferentes indexadores e o debate que essas diferentes artes de governar suscitam? É aí, parece-me, que nasce a política". (FOUCAULT, 2008 [1978-79], p. 429)

¹ O Discucia - Discurso e Democracia, é um projeto de pesquisa de fluxo contínuo pertencente à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), vinculado à Faculdade de Letras e Artes (FALA) e ao Grupo de Estudo do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN), coordenado pelo professor Dr. Edgley Freire Tavares.

E, partindo desse entendimento de política como ação geral mais ampla de uma correlação de forças instalada em torno das formas de governo e suas racionalidades, é que provocamos este debate. O jogo político nacional tornou-se objeto de análise ao recortarmos a enunciação do Boulos, acreditando que sua visão e posicionamento político representam uma via de questionamento da racionalidade política brasileira responsável pela continuidade das desigualdades e demais obstáculos da democracia nacional, fruto de certos vícios nas gestões do nosso país. Ao trazermos à descrição a função e modalidade enunciativa política, pretendemos problematizar e apontar, em línguas bem gerais, algum diagnóstico da ação política do presente. Neste enquadre analítico, mostramos e interrogamos as estratégias discursivas argumentativas produzidas por Boulos, colocando em debate a possibilidade de, partindo do seu exemplo, refletir os rumos para uma nova experiência política no Brasil, com novas formas de ser, pensar e estar na política.

Entendemos também que, ao interrogar os ditos deste político, no ponto em que materializam uma relação com aqueles a quem desejar persuadir, seu eleitor e auditório, lemos as materialidades discursivas do *Twitter* descrevendo como os efeitos de sentido articulados por Boulos trabalham possíveis emoções, sensibilidades, necessidades e inclinações da população. E, com isto, analisamos, no fio do discurso, as materialidades do *pathos* no modo como Boulos pensa a política e as formas de governo.

Nas materialidades do *Twitter*, buscamos lançar alguma compreensão em torno da relação entre argumentação e discurso político, partindo, pois, do *pathos*, uma das provas retóricas, que está na estrutura de todo enunciado argumentativo, compondo uma tríade indissociável: *ethos*, *pathos* e *logos*. Estas são as dimensões discursivas estruturais e estruturantes da prática argumentativa, como nos esclarece Perelman, ao dizer que,

[...] inversamente, os propósitos do orador dão-lhe uma imagem cuja importância não deve ser subestimada: Aristóteles considerava-a, sob a expressão de “ethos oratório”, como uma das três componentes da eficácia na persuasão, sendo as outras duas o logos e o pathos, o apelo à razão e os processos retóricos que visam suscitar as paixões do auditório. (PERELMAN, 1992, p. 112).

Disposição retórica que, pensada nos termos de uma arqueologia, como a descrição histórica e semiológica dos regimes de enunciabilidade de uma prática discursiva (FOUCAULT, 2007), a relação entre discurso e argumentação política é pensada na ideia de que, dos estudos clássicos aristotélicos aos nossos dias (FIORIN, 2015), a retórica foi a disciplina que primeiro pensou o funcionamento discursivo. Aprender a dimensão retórica, hoje, no quadro geral de *uma arqueologia da racionalidade política brasileira*, implica, como temos estudado, uma leitura histórica e semiológica do dizer na qual a descrição dos enunciados difere da descrição da língua, pois o conjunto de signos linguísticos só existe como realidade ao nível do acontecimento enunciativo.

A descrição do nível enunciativo não pode ser feita nem por uma análise formal, nem por uma investigação semântica, nem por uma verificação, mas pela análise das relações entre o enunciado e os espaços de diferenciação, em que ele mesmo faz aparecer as diferenças. (FOUCAULT, 2007, p. 103).

É deste ponto de vista teórico-metodológico que interrogamos a singularidade discursiva argumentativa das ideias levantadas recentemente por Boulos, relevantes por materializarem uma descontinuidade retórica em relação às ideias e fundamentos que historicamente organizam a racionalidade política partidária no Brasil. Como esperamos deixar claro na sequência, lemos as materialidades discursivas do *Twitter* em seu funcionamento, partindo da premissa foucaultiana de que “a descrição dos enunciados se dirige, segundo uma dimensão de certa forma vertical, às condições de existência dos diferentes conjuntos significantes”. (FOUCAULT, 2007, p. 123).

Para tanto, observemos inicialmente o contexto que descreve ao nosso olhar o cenário político brasileiro como uma atualidade instauradora de uma crise democrática e falha em suas formas de governamentalidade. Os últimos acontecimentos no âmbito do executivo nacional e sua relação com o congresso são provas disso. Perceber as redes de atravessamentos discursivos, além de seus consequentes emaranhados de acontecimentos, ajuda a situar e a entender a discursividade trabalhada pelo político Boulos nas suas mensagens pelo *Twitter*.

Em 2016, a presidente Dilma Rousseff, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), passou por um processo de *impeachment* e acabou sendo afastada do seu cargo da presidência. No dia 31 de agosto, o vice-presidente Michel Temer assumiu o cargo na presidência interinamente até o dia 31 de dezembro de 2018 e no meio desse caos político, dividido e incerto (ABRANCHES, 2019), ocorreu a eleição mais agressiva e polarizada da nossa história. Jair Bolsonaro, filiado na época ao Partido Social Liberal (PSL) e Fernando Haddad, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), foram os candidatos à presidência mais votados pela população brasileira. Simultaneamente, Guilherme Castro Boulos, político brasileiro, professor, coordenador do MTST, ativista e escritor, nascido no dia 19 de junho de 1982 na cidade de São Paulo, formado em Filosofia e com mestrado em psiquiatria na Universidade de São Paulo (USP), filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), também havia se candidatado à presidência. Foi o candidato com o menor número de votos na história do partido, com o total de 617 mil votos apurados.

Político presente em diversas manifestações, inclusive na militância no movimento estudantil da UJC (União Juventude Comunista) e com participação nas manifestações contra o *impeachment* sofrido por Dilma Rousseff, ganhou popularidade nas eleições de 2020, quando se candidatou à prefeitura de São Paulo. Agregou parte do eleitorado petista e mostrou grande ligação com as bases populares, indo ao segundo turno e recebendo dois milhões, cento e sessenta e oito mil, cento e nove votos. Votação tão expressiva e simbolicamente vitoriosa, entendida por alguns como sintoma de novas possibilidades e desdobramentos da política nacional. Aqui, a expressividade em questão despertou-nos o gesto analítico e a busca por compreensões do que, histórica e discursivamente, possibilitou tal descontinuidade e evidência de Boulos no cenário político brasileiro, razão pela qual nos debruçamos sobre sua linha enunciativa retórica, em específico, analisando suas intervenções veiculadas através do *Twitter*. A série enunciativa composta de três mensagens em situação de oposição permanente e/ou campanha política, no *Twitter*, mostra como a dinâmica dessa mídia social é amplamente utilizada por políticos em todo o Brasil e em todas as partes do mundo, pois são geralmente mensagens de muita visibilidade e circulação nas redes. Na análise, consideramos o *Twitter* como enunciado, acontecimento linguístico e histórico (FOUCAULT, 2007; PÊCHEUX, 2008), materialidade de uma proposição argumentativa. O

político constrói seu caráter, sua imagem e, para tanto, vai comunicar-se com destreza e buscando sempre alcançar a razão e as emoções do outro, a quem se dirige, seus leitores e eleitores.

DELIMITAÇÕES DA ANÁLISE

A Análise do discurso é um determinado domínio da linguística e da comunicabilidade que se especializa em analisar, como o próprio nome diz, o uso das línguas nos diversos âmbitos do ser social. Especificamente se estuda como se dão as construções ideológicas ou de poder-saber em um discurso. Tal campo de análise frequentemente é utilizado como referencial para o dissecar dos textos/discursos e dos efeitos de sentido que os atravessam. A análise do discurso faz uso do suporte teórico-metodológico para guiar uma determinada prática de leitura para com o mundo e suas produções discursivas, que são fundamentais para nos situar no que diz respeito à atuação política (bem como em outros lugares discursivos).

Para entender o discurso, uma das metáforas mais recorrentes é a da palavra em movimento, em curso, como nos propõe Orlandi (2001), isto é, uma prática de linguagem, o que implica considerar a existência da discursividade pelos atravessamentos do social, do ideológico ou das visões de mundo e da história, fazendo com que nossa análise se mantenha de forma constante no trilhar de uma perspectiva que aponta para uma concepção teórica ampla, na qual as práticas discursivas se ajustam às não discursivas (FOUCAULT, 2007). Nesse sentido, Cleudemar Fernandes diz: “O estudo do discurso toma a língua materializada em forma de texto, forma linguístico-histórica, tendo o discurso como o objeto.” (FERNANDES, 2008, p. 15). E, para fazer a reflexão do linguístico confrontar a dimensão do fora texto, continua o autor nos dizendo: “A análise destina-se a evidenciar os sentidos do discurso tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção.” (FERNANDES, 2008, p. 15). Como dissemos acima, é exatamente o que propomos nesta pesquisa, evidenciar os sentidos do *pathos* nos discursos de Guilherme Boulos, levando em consideração o atual contexto sócio-político do Brasil e descrever as estratégias discursivas e argumentativas no ponto em que a enunciação projeta no enunciado aquilo que faz causa e toda a sensibilidade do outro, pela razão e/ou emoção, produzindo-se efeito de sentido persuasivo. Oportuno reforçar que o recorte analítico, propondo-se como *corpus* uma série enunciativa de materialidades do *Twitter*, que é um meio de comunicação de característica particularmente direta, haja vista que permite um máximo de 240 caracteres por postagem, insere nossa reflexão em um trabalho mais amplo, posterior, no qual poderemos descrever as singularidades dos gêneros midiáticos e das redes sociais e seu papel nos acontecimentos políticos. Acreditamos que campanhas eleitorais transferidas à rede social permitem não somente mais alcance, mas também diversas possibilidades de interpretação do que é exposto aos leitores. A sintetização necessária dinamiza e aproxima a fala política de seu auditório.

Pode-se dizer que todo discurso possui teor retórico e direcionamento de sentidos, uma vez que se tem como objetivo final o convencimento do outro (FIORIN, 2015; PERELMAN, 1992). Em um discurso de caráter persuasivo buscam-se argumentos específicos para convencer o outro de determinada ideia. Todos os recursos retóricos reúnem-se para produzir efeitos de sentidos com um fim almejado. O discurso público é definido enquanto composto de três elementos essenciais, que seriam a base responsável pelo sucesso ou fracasso do orador. A estrutura retórica implica *logos* ou o

próprio discurso, o acontecimento enunciativo ou, ainda, o argumento; além desse, o *ethos* enquanto disposição do enunciador ou a imagem de si que o orador faz na instância de produção dos enunciados. E, por último, o *pathos*, dimensão da reação dos ouvintes para o que lhes apresenta o orador, aquilo que está em causa para sensibilizar o Outro ou o auditório a partir daquilo que mobiliza o orador do campo da memória, da razão e da emoção. Nossa análise, conforme já colocado, girou a partir deste último pilar discursivo.

Pathos ou "experiência humana" em grego, assinala a ligação do orador para com o seu auditório. Em outras palavras, o *pathos* é a dimensão daquilo que está no Outro, como auditório, e que precisa ser despertado e alcançado por aquele que enuncia e estabelece determinada finalidade persuasiva. É o domínio da razão e da emoção no público que precisa ser trabalhada para que a discursividade alcance o seu objetivo (MOSCA, 1997). Ao ler a enunciação de Boulos, na ordem do discurso político, buscamos descrever o que exatamente impulsionou a sua ascensão e popularidade durante o período das eleições de 2020 para a prefeitura de São Paulo. Ao topicalizar a dimensão do *pathos* discursivo, exploramos os recursos de retórica e as escolhas de possibilidades dentro das expressões de intenção comunicativa, utilizadas por ele na campanha eleitoral mais recente, descrevendo a partir daí efeitos de sentido.

Sendo assim, construímos neste texto uma pesquisa embasada nos referenciais teóricos e metodológicos da Análise do Discurso e sua transdisciplinaridade para com o campo da Argumentação. Uma elucidação que não se separa, conforme afirma Fernandes mais uma vez: "reiteramos que o aspecto metodológico não se dissocia do aparato teórico." (FERNANDES, 2008, p. 66). Ele nos explana que os procedimentos da análise partem do discurso em sua conjuntura, procurando assimilar suas condições de produção, tal como estamos fazendo aqui, na tentativa de situar o leitor nas especificidades da atualidade política e democrática brasileira, pois só assim é que os efeitos de sentidos construídos nas e pelas materialidades do *Twitter* ficarão inteligíveis. Neste aspecto, apesar de trabalharmos como objeto analítico algumas falas de Guilherme Boulos, a pesquisa vai além, haja vista que emerge de um caos político discursivamente fervilhante e se faz útil para aqueles que comumente se juntam ao processo de fazer e ser política no Brasil, pensando esse estado de coisas diferentemente e de forma crítica. De fato, é importante saber disso, pois o nosso estudo interroga a regularidade de determinados elementos comuns à argumentação na arte da retórica política, prática política que nos atravessa e nos coloca no centro de um palco de relações de saber e poder, tornando incontornável, no fim das contas, fazer a interrogação quanto a nós mesmos, sujeitos numa instância cidadã (CHARAUDEAU, 2006) do circuito político, com o fim último indagar sobre o nosso papel diante da crítica das racionalidades políticas atuais.

O NOME BOULOS NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

Para que possamos entender como o ex-candidato à presidência da república em 2018, e ex-candidato à prefeitura da cidade de São Paulo no ano de 2020, Guilherme Boulos, utiliza o *pathos* no seu discurso como ferramenta de persuasão ao público, faz-se necessário trazer mais elementos da nossa cenografia política. E isto, tendo em vista que a fala no discurso político circula na sociedade sem deixar a própria cena política, como discorre Charaudeau (2005). As informações apresentadas a seguir foram retiradas de

dados bibliográficos da revista *Le Monde - Diplomatie Brasil*, e são, portanto, dados de fácil acesso através das mídias digitais.

A figura de Guilherme Castro Boulos se apresenta da seguinte maneira: homem, branco e com 38 anos de idade. Professor formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, ele é também coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e um dos fundadores da Frente Povo Sem Medo. Posto isso, não é preciso ir muito longe na memória coletiva, conseguimos ver na história claras pontes discursivas entre os dizeres de Boulos e de outras figuras do meio político, como a do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, lembrança essa que já chegou a colocá-lo como o “jovem Lula”, segundo nos mostram algumas reportagens do *Le Monde*. Nesse contexto, ainda se destacam as atuações em movimentos de militância, envolvimento em processos e prisões, sempre relacionados a manifestos e lutas de determinados grupos como os MTST e o grupo União da Juventude Comunista (UJC), do qual já foi coordenador.

Neste âmbito, Boulos emerge no cenário político com mais visibilidade nas eleições da presidência de 2018, lançado pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Assim, ele aparece assumindo um discurso de resgate da democracia, com falas populistas, entretanto, sem tanto prestígio e com um cenário político polarizado em torno da ideia de um Brasil livre da corrupção, o professor acaba o primeiro turno em décimo lugar com 0,58% do total de votos válidos, como mostram os dados da justiça eleitoral, número esse que pode ser traduzido em muitos gestos e sentidos. Mais adiante, Boulos retoma, porém como candidato à prefeitura da cidade de São Paulo, em um contexto de pandemia que assolou a população brasileira, que se viu obrigada a passar mais tempo em frente à tela e conseqüentemente, acompanhar e acessar ainda mais as redes sociais, as mesmas que são muitas vezes o palco principal para as disputas políticas marcadas por informações descontextualizadas ou mesmo infundadas.

De tal maneira, Boulos ascende e ganha força, principalmente através da rede social *Twitter*, demonstrando seu comprometimento com as causas populares, trazendo consigo o slogan “para virar o jogo”. Ele atinge mais de 20% do percentual de votos válidos e segue para o segundo turno. Seguindo essa linha, como observa Charaudeau (2005), o cenário político é um dispositivo chave que está posto a serviço de uma expectativa de poder, por isso, a cena política é de fundamental importância para a adesão ou não adesão de um discurso. Nesse sentido, como coloca o autor, o jogo político se constitui em um viés no qual o contexto em que um discurso é propagado pode fazer com que o auditório adira emocionalmente a valores superiores, mas para além disso, o próprio locutor tende a usar essa vertente como uma ferramenta para propor uma veracidade a fatos, ou a retomada de ideais postos em um real que é idealizado, e por meio da emoção convencer o auditório.

De acordo com Charaudeau (2005), o discurso político sempre levanta questões como dor, prazer, angústia, esperança, marcado por certo lugar de adesão pelo telespectador. Na fala de Boulos, identificamos essas emoções por muitas vertentes, mas sobretudo pelo movimento populista, que por si só se constitui como um movimento de massa que nasce em uma situação de crise social, a massa por sua vez tem como objetivo a representação do povo em sua soberania popular. Assim, a relação pathonica entre a massa e uma crise social, permite a aparição de um líder que traz consigo essas emoções. Segundo Charaudeau (2005), com o objetivo de denunciar uma situação *de enfraquecimento* da qual o povo é vítima, a qual aciona as tópicas das emoções como medo, raiva, angústia e esperança, tendo em vista a construção para si de uma imagem de potência pathenica através de um comportamento oratório feito de denúncias.

No campo da análise, as emoções e o discurso se cruzam a partir do momento em que o orador recorre a ela como um elemento de construção de imagem, tendo em vista que todo discurso possui uma certa intencionalidade, de acordo como nos mostra Fernandes (2015). Por todas essas colocações, como ilustra Charaudeau (2005), o orador (aquele que pronuncia o discurso) traz a emoção como uma forma de dar presença ao seu discurso, buscando fundamentar, argumentar, e discorrer por meios da emoção. Em outro texto, Charaudeau (2006) mostra-nos que o discurso político é um fenômeno complexo que engloba dimensões culturais, éticas, jurídicas, econômicas e sociais diversas, sendo o sujeito do discurso político sempre um sujeito de linguagem que age sobre o outro; pela alteridade, o enunciador na política toma consciência de si e estabelece pela palavra jogos de persuasão numa relação de contradição, confronto, regulação e influência. Há uma cena enunciativa no campo político que Charaudeau (2006) coloca em termos de quadro acional, onde vozes múltiplas se perfilam, onde são assumidas posições em confronto, ideais e valores em dissonância.

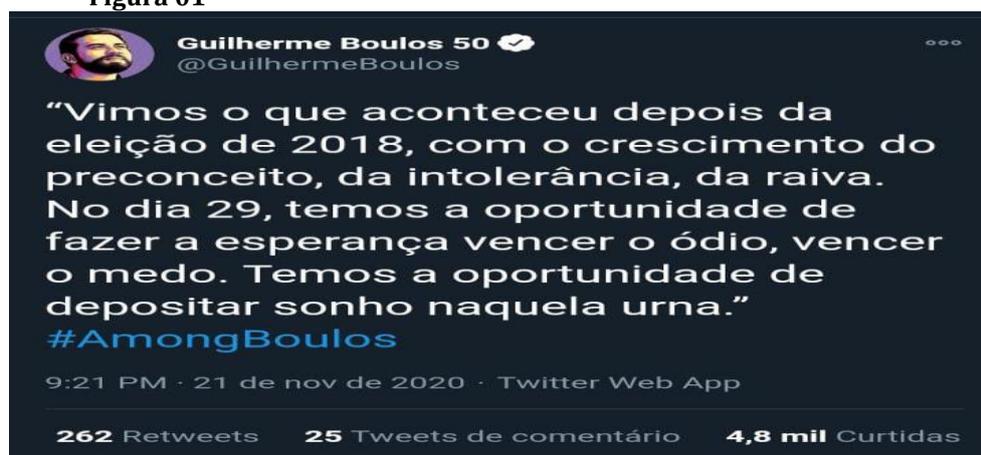
No jogo da linguagem política, entre a cena enunciativa e a disposição retórica, a persuasão pela razão e/ou pela emoção é o efeito de sentido almejado. Tendo em vista que, toda fala cruza com a historicidade, os ditos do passado, a rede de memória social que se faz discurso, como aponta Fernandes (2015), é uma dimensão central no modo como um ator político enuncia na mira daquilo que faz causa no outro, daquilo que toca o outro, seus anseios, necessidades e condições sociais. É no enlace da vontade do outro que a argumentação no discurso político se estabelece.

DA DIMENSÃO DO *PATHOS* NAS MATERIALIDADES DO *TWITTER*

A anúncio da pandemia de Covid-19 em 2020 acarretou na grande parcela da população mundial uma mudança radical não apenas no que diz respeito às interações sociais, houve também um estremecimento político compatível com o estado de exceção no qual vivemos. No Brasil, figuras que antes dotavam de prestígio político significativo perderam seus *status*, enquanto outros rostos passam a repercutir mais. Guilherme Boulos é um desses personagens, saído de um panorama de pouca visibilidade e aceitação pública para ficar entre um dos mais bem votados para eleição da candidatura a prefeito de São Paulo. Em termos práticos Boulos jogou com a linguagem e com a representação popular, fazendo uso do discurso tão conhecido como populista, além de compor a figura do professor defensor dos excluídos, o candidato construiu toda uma imagem psicológica e linguística nas redes, servindo-se, por exemplo, do carisma e da pouca idade, em comparação aos seus adversários, trazem-no quase para a borda da chamada geração *millenials*, aqueles nascidos entre as décadas de 1980 a 1990 e que, não por acaso, são reconhecidos enquanto geração fundadora das redes e mídias sociais.

Como uma característica (ou consequência) de 2020, muitos discursos se solidificaram pelos meios digitais, e com Boulos não poderia ser diferente. Com uma linguagem própria do site *Twitter*, o candidato distribuiu suas considerações sobre amplas áreas discursivas com fortes marcações ideológicas. Como foi mencionado no início, nossa análise mira três mensagens de twitter, série enunciativa que possui suas condições de possibilidade e suas correlações no cenário brasileiro atual. Buscamos, também, recortar de forma coerente o intervalo temporal, selecionando três enunciações do ano de 2020, no contexto da eleição à prefeitura de São Paulo, materialidades em que foi possível reconhecer regularidade discursiva argumentativa.

Figura 01

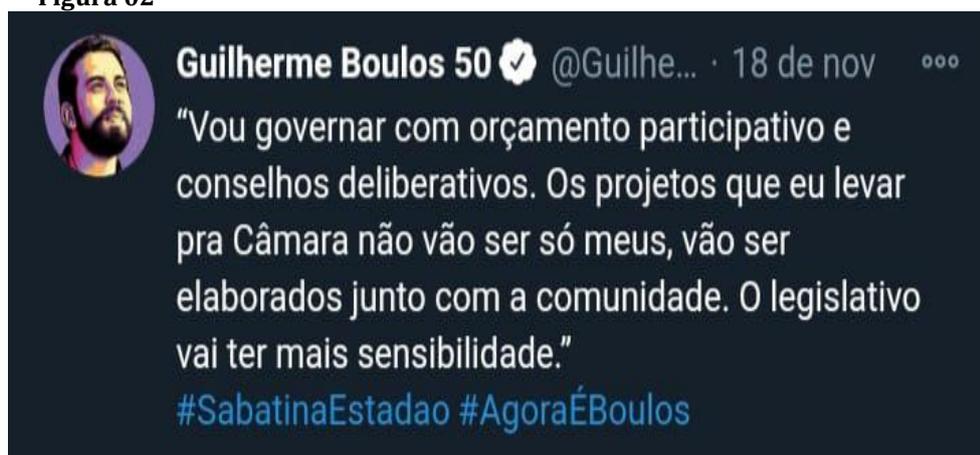


Twitter retirado da página do candidato do PSOL, Guilherme Boulos.

O primeiro trata de uma retomada histórica, quando ele recorre às eleições de 2018 para justificar e estruturar o seu argumento feito para 2020. Para compreender tal comentário é necessário contextualizá-lo junto aos fatos que fizeram-no resgatar essa memória recente para o eleitorado, salvo o seu uso de termos de apelo bem sumarizados quando se coloca esperança, oportunidade e vencer frente a ódio, intolerância e medo. Com um crescente número (divulgado) de casos de violência a pardos e negros, o racismo foi percebido com maior atenção durante as eleições de 2018, quando o atual presidente, Jair Bolsonaro, entrou no poder. De acordo com o site *SOScorpo* desde 2016 a taxa de assassinatos de negros e pardos aumentou cerca de 23%, enquanto de não-negros sofreu uma redução de 6,8%. Cabe acrescentar que a pauta levantada por Boulos toca numa reivindicação global, pois os índices no Brasil encontram correlatos facilmente em diversas partes do mundo, a exemplo do contexto dos Estados Unidos, situação que ganhou notória repercussão quando um policial matou um homem negro asfixiado enquanto pisava em seu pescoço com o pé. Essa cena revoltante se espalhou pelas redes e influenciou um engajamento coletivo de escala global de protestos nas ruas contra a violência e intolerância racial.

O movimento *Black Lives Matter* ganhou repercussão em várias partes do mundo, principalmente quando os mesmos atos violentos eram reproduzidos. É justamente dessa reprodução no Brasil que se materializa por um movimento de memória no *twitter* publicado por Boulos, no momento em que um outro jovem, também negro, novamente é morto por uma autoridade. Dentro dessa perspectiva as palavras utilizadas por Boulos incorporam seu papel no *pathos*, em que os termos medo e esperança retratam uma compaixão para com a situação, que diz para seu leitor/ouvinte de que lado ele está, que defende a luta antirracista, estabelecendo um laço social com seu leitor/eleitor em torno de um problema em comum. O uso desses termos introduz uma mensagem de ultrapassar desafios e impor mudanças, colocando sua figura como símbolo dessa possível transformação. Ou seja, ele recorre às paixões, como o senso de dever, para provocar em seu público insatisfação pelo cenário atual vivido, e que as pessoas devem e podem por meio do voto realizar transição, mudança de cenário.

Figura 02



Twitter retirado da página do candidato do PSOL, Guilherme Boulos.

Nesta segunda materialidade podemos observar um discurso que busca igualar e aproximar o candidato do seu eleitorado. Boulos faz uma chamada que induz compromisso e sentimento de efetividade democrática, materializando um projeto de governo no qual uma racionalidade aponta para a efetiva participação popular nas decisões governamentais. É um levantamento da representatividade, pois é justamente o que se é esperado da figura política, mas raramente é também o efeito obtido quando esses mesmos representantes ascendem ao poder. Um projeto de humanidade e de participação coletiva é evocado à memória daqueles que por anos são deixados às margens da sociedade governada pelos psdebistas. Um discurso que traga tal reconhecimento de injustiça e identificação para o povo tem o intuito direto de trazer esperança como resultado dos sentimentos provocados. Boulos mostra que vê com os mesmos olhos do povo o que aconteceu nos governos anteriores e isso é de suma importância para aqueles que ele deseja atingir.

No laço retórico pela linguagem política, as duas materialidades discursivas produzem em torno da figura de Boulos um *ethos* populista. Ainda que a literatura não consiga definir um único sentido para populismo, dado ser expressão política que ocorre em épocas diferentes e em direcionamentos ideológicos, de saber e de poder muito heterogêneos, encontramos em Gomes (2001) uma genealogia de que venha a ser populismo, partindo de três aspectos:

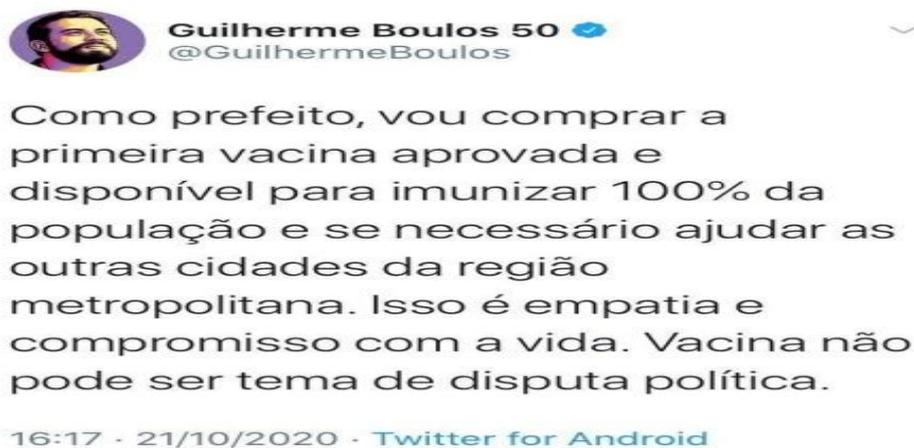
Em primeiro lugar, o populismo é uma política de massas [...] um fenômeno vinculado à proletarização dos trabalhadores na sociedade complexa moderna, sendo indicativo de que tais trabalhadores não adquiram consciência e sentimento de classe: não estão organizados e participando da política como classe. [...]

Em segundo lugar, o populismo está igualmente associado a uma certa conformação da classe dirigente, que perdeu sua representatividade e poder de exemplaridade, deixando de criar os valores e os estilos de vida orientadores de toda a sociedade. Em crise sem condições de dirigir com segurança o Estado, a classe dominante precisa conquistar o apoio político das massas emergentes. Finalmente, satisfeitas estas duas condições mais amplas, é preciso um terceiro elemento para completar o ciclo: o surgimento do líder populista, do homem carregado de carisma, capaz de mobilizar as massas e empolgar o poder. (GOMES, 1996, p. 35).

É certamente a consciência de classe e a representatividade política da população aquilo que se marca, na dimensão do *pathos*, nas duas materialidades acima, em que no fio do discurso lemos um candidato enunciando na busca por uma mudança de racionalidade política que inverta as posições no tabuleiro da política. Entre a discursividade política e o modo como Boulos a atualiza para argumentar a favor de sua candidatura, lemos uma inversão histórica, uma descontinuidade, constitutiva do que se marca nos *twitters* como uma nova forma de pensar o governo, propondo um governo não só pensado para o povo, mas governado pelo povo.

A mesma disposição discursiva argumentativa é mantida a seguir,

Figura 03



Twitter retirado da página do candidato do PSOL, Guilherme Boulos.

No terceiro enunciado do nosso *corpus*, no qual lemos o tópico do sentimento de empatia discorrida sob o contexto de pandemia, a promessa de imunização de 100% da população de São Paulo e a luta pela proteção de demais localidades de uma doença altamente contagiosa que paralisou não só a cidade, mas o mundo. Nesse contexto, temos a tentativa de criar para si a figura do herói, aquele que assume compromisso pela vida e coloca isso acima de tudo, demonstrando que nem mesmo a disputa política pode se opor.

Assim, o que se pode concluir é que os pontos em comum entre esses três fragmentos são as estruturas enunciativas que se traduzem no desenvolvimento com a emoção do reconhecimento no outro, no emissor do discurso. Todos os enunciados buscam um gatilho que provoque no seu auditório tal reconhecimento. É o que chamamos de o fator emocional de esperança, mudança ou paixão. O momento único vivido em 2020 foi inegavelmente propício para o modo como em suas formulações Boulos atualizou tais discursos, visto que o eleitorado vivia uma situação ímpar de desesperança, fazendo com que aqueles que ameaçavam trazê-la de volta à suas casas ganhassem muito mais do que confiança pública e holofotes.

Boulos é uma figura antiga no campo político, com mais visibilidade do que nunca, com suas promessas eleitorais e um discurso forte e seguro, que foi rapidamente conquistando seu auditório. As emoções acaloradas foram um dos principais fatores da influência e reconhecimento do Candidato do Psol, e todos os seus discursos são pensados para dar continuidade a essa representação partidária. Embora tenha perdido as eleições de 2020, ele é um forte exemplo de como o enunciado populista ainda tem

muita influência nos eleitores brasileiros, e com certeza é um apontamento de mudanças nas novas lideranças políticas do nosso país.

Nesse viés, para a análise discursiva partes desses fragmentos podem ser enumerados em cinco fatores, de acordo com Fernandes (2008), respectivamente: Sentido, Enunciação, Ideologia, Condições de produção e Sujeito discursivo. O sentido, com toda certeza, é fundamental para compreensão do enunciado, mas o que constrói o sentido de modo geral está atribuído ao conhecimento de outros discursos, a memória discursiva e histórica, não sendo uma mensagem encerrada, como diz Fernandes (2008), cada sujeito interpretará de uma forma, sendo a pretendida pelo enunciador, ou não. Como o próprio *twitter* de Boulos pode elucidar, há a presença de comentários positivos, assim como de negativos sobre sua observação, os padrões ideológicos vigentes na mensagem do até então candidato à prefeitura de São Paulo, não são partilhados universalmente. A enunciação, nesse ponto de vista, expressa a posição política do enunciador, e é esse posicionamento que marca sua relação sócio-histórica com o ato de dizer, como afirma Fernandes (2008). E essa posição está relacionada com a compreensão que esses enunciadores têm sobre o mundo, percepção que Boulos tenta trazer em suas formulações como forma de estabelecer laço social.

Outro ponto fundamental no empreendimento de uma análise histórica e semiológica, é fazer ver as correlações entre não apenas os enunciados assinados por Boulos, mas entre estes e outros, que manifestam outras posições políticas. Afinal, os sentidos estão sempre em trânsito no social e a argumentação só se faz na contradição, na possibilidade de existir visões de mundo diferentes e concorrentes sobre um mesmo tempo ou valor social. Publicado recentemente no site do Estadão, um comentário de Jair Bolsonaro, pode nos ajudar a entender a linha argumentativa aqui trabalhada, quando o atual presidente do Brasil afirmou “aqui no Brasil, não existe isso de racismo”, justapondo, em uma linha temporal quase idêntica, duas posições argumentativas em torno de um mesmo tempo e com efeitos de sentido completamente opostos.

Em correlação, as afirmações de Boulos e Bolsonaro ressoam valores díspares em torno dos mesmos significantes. Evidentemente, temos aí duas formas de materialização da dimensão discursiva do *pathos*, que podem conquistar ou dissipar, no caso dessas figuras políticas, potenciais eleitores. Desse modo, coloca-se também em evidência o papel da condição de produção, conforme expõe Fernandes (2008), afirmando que essa circunstância está concedida a aspectos históricos, sociais e ideológicos, por isso é importante contextualizar o que foi dito, da forma como foi dito, com qual objetivo, para que assim seja possível destrinchar os sentidos do discurso, principalmente quando se trata de um comunicado político. Ou seja, todo ato de fala ultrapassa contextos e aspectos sociais que transmitem a ele significados que permitem atingir o interesse e compreensão de seu ouvinte, que também interage com esse universo discursivo.

Por último, a reflexão nos leva à dimensão do sujeito discursivo, como aquele “constituído na inter-relação social, não é o centro de seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes.” (FERNANDES, 2008, p. 20), isto é, nenhum discurso surge do nada, pois é uma formulação que deriva de uma memória discursiva e possui uma historicidade, está aberto a repetições e diferenças. Dito de outro modo, é possível pensar nesta série enunciativa como um exercício que materializa uma função enunciativa, um ideal de saber, poder e engajamento assumido por aquele que diz de um modo, e não de outro, estando esta singularidade histórica materializada no enunciado. O próprio *twitter* de Boulos reflete essa perspectiva, a grande aceitação do discurso *Black Lives Matter* pode ter sido um estopim para que o candidato fizesse sua publicação. São recursos como esse

que marcam características das figuras públicas e políticas, o cuidado em aguçar paixões e representar os princípios da maioria.

Outro marco motivacional apresentado por Boulos é a ideia que ele tenta trazer de aproximação entre o orador (Boulos) e o auditório (população de São Paulo). O programa de governo é anunciado como anti-sistêmico, popular, radical e que combata o conservadorismo. Dessa maneira, o professor tenta estabelecer uma certa igualdade, a demonstrar que no seu governo o poder de fato estará com o povo, diferente do que eles já vivenciaram com outras figuras de poder. Há também o tópico da sensibilidade, com o qual ele se utiliza para insinuar ao ouvinte que ele possui certa percepção aguçada ou receptividade a respeito da participação popular. Logo, são esses elementos argumentativos e discursivos que constroem um ato de fala e que transformam uma observação em um enunciado dotado de significações. No discurso político esses elementos não são invocados levianamente, sempre há uma propositivo que dita sua fala, o eleitorado é o principal fator responsável pela postulação de ideologias, nesse tipo de premissa, porém saber argumentar com seu interlocutor é a chave para um reconhecimento e engajamento persuasivo por parte do receptor-eleitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que discorre o *pathos* da campanha política de Guilherme Boulos em 2020, podemos destacar as ferramentas utilizadas em sua construção discursiva como intentos ideológicos. Uma vez que o discurso em si seria a construção social munida da materialidade linguística, a exterioridade da língua e os seus gestos de interpretação e efeitos de sentido guiam as falas do candidato visando um objetivo final, a aceção de seu público dos efeitos de sentido produzidos.

A análise aqui proposta em torno da dimensão do *pathos* presente nos dizeres de Guilherme Boulos oriundos de fragmentos enunciativos retirados da plataforma/rede social *Twitter* e sua específica relação argumentação/política/discurso, exprimiou uma pesquisa calcada pelo teórico/metodológico da Análise do Discurso, tomando como base de fortuna crítica a sagacidade de Foucault (2007), a partir da qual traçamos um parâmetro de descrição da discursividade e argumentação política.

O cenário político brasileiro nos últimos anos foi nossa base de contextualização, a vida política de Guilherme Boulos e suas relações com correligionários e adversários formaram um dos pilares para a discussão aqui promovida. O debate visou perceber o estabelecimento de uma rede discursiva confluyente para com os fragmentos enunciativos escolhidos, e nesse sentido, baseou-se em pelo menos cinco fatores de análise: sentido, enunciação, ideologia, condições de produção e sujeito discursivo. Tais construções possibilitaram uma arqueologia da racionalidade política, delimitada ao breve escopo analítico aqui admitido, mas que, sem dúvidas, tornará possível outros investimentos analíticos futuros.

REFERÊNCIAS

1 ABRANCHES, S. (2019). Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: DUNKER, Christian (et al.). **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- 2 CHARAUDEAU, Patrick. (2005). *Phatos* e discurso político. In: MACHADO, Ida. MENZES, William; MENDES, Emília (Orgs). **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 240-551.
- 3 CHARAUDEAU, P. (2006). Discurso político. IN: EMEDIATO, W; MACHADO, I. L.; MENEZES, W. (org.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG.
- 4 DUNKER, C. I. L. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: DUNKER, Christian (et al.). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras. p.70-80.
- 5 FIORIN, J. L. (2015). **Argumentação**. São Paulo: Parábola.
- 6 FERNANDES, C. A. (2008). **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz.
- 7 FOUCAULT, M. (2007). **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense universitária.
- 8 FOUCAULT, M. (2008). **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes.
- 9 FOUCAULT, M. (2009). **A ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Edições Loyola.
- 10 FOUCAULT, M. (2010). **Ditos & escritos VI: Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- 11 GOMES, A. d. C. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996, p. 31-58.
- 12 MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 1997.
- 13 ORLANDI, E. P. (2001). **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes.
- 14 ORLANDI, E. P. (2008). **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes.
- 15 O QUE DIZEM OS CANDIDATOS. São Paulo: **Le Monde: A Diplomatie Brasil**, v. 13, n. 6, 12 ago. 2020. Mensal.
- 16 PERELMAN, C. (1992). **O império retórico: retórica e argumentação**. Porto: Editora ASA.
- 17 SÃO PAULO. **TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL**. Eleições 2018 - Presidência da República. 2018. Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-2020/eleicoes-2020>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- 18 SÃO PAULO. **TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL**. Eleições 2020-São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-2020/eleicoes-2020>. Acesso em: 20 nov. 2020.